

dealbar



ANO I

SÃO PAULO, SETEMBRO DE 1965

NÚMERO I

OS NOSSOS PROPÓSITOS

Um punhado de homens voluntários e desinteressados, desses homens que sempre puseram um pouco de suas vidas a serviço das grandes causas sociais, porque sempre acreditaram no altruísmo e na bondade humana, compenetrados de que todos, indistintamente todos, têm a obrigação de assumir a sua parcela de responsabilidade na construção de um mundo melhor, resolveram publicar este jornal.

Modesto em seu começo, porque toda iniciativa sem lucros e desinteressada tropeça em seu início com a falta de recursos financeiros, Dealbar pretende ser um órgão de esclarecimento e orientação, no sentido de tornar efetivos e autênticos os inalienáveis direitos do homem, pois que a vida só se compreende e justifica quando é vivida com dignidade.

Sem ligação com partidos políticos ou seitas religiosas completamente livre e independente, animado de esperanças e otimismo nesta hora em que se impõem formulações nacionais. Dealbar se propõe levar o seu arrimo a todas as causas nobres que visem trabalhar no sentido de reaproximar os homens, despertando nêles o espírito de solidariedade, de amor

e bondade, tão descuidados na época presente.

De todas as categorias sociais surgem vontades e disposição para o diálogo cordial e amigável no intuito único de confraternizar, dando à sociabilidade sua verdadeira expressão. Nas mais diversas camadas nota-se a inquietação dos homens de boa vontade, sedentos de justiça, desejosos de acertar.

Entre eles estamos nós também, e para tanto aceitamos a nossa cota de sacrifícios na árdua luta pela consolidação definitiva dos impostergáveis direitos do homem.

Assim sendo, não temos a pretensão de trazer nada de novo com a publicação deste pequeno jornal. Pascal, já o disse: "Nada é novo debaixo do sol". Trazemos apenas o sincero desejo de contribuir para o estabelecimento, em seu intrínseco valor, da verdadeira e autêntica Democracia, conquista sublime e inestimável de todas as gerações anteriores. Lutaremos pela extinção da fome e da miséria, das guerras e de todos os flagelos que afligem e separam os homens e que se constituem em confrangedora vergonha para a humanidade.

Estes são os nossos propósitos.

DOIS DEMENTES POR HORA

Pedro Catallo

Cada dia e cada momento que passam, crescem e se alastram, em caráter alarmante, o descontentamento e a insegurança no seio da população. Os contínuos conflitos políticos internos e de além fronteiras, o tremendo e aviltante desequilíbrio econômico que abrange a grande maioria do povo, geram inquietações tão profundas e de conseqüências tão desastrosas que já atingiram a segurança da própria sanidade mental das pessoas. A confirmação eloqüente do que acabamos de dizer nos vem de uma estarecedora declaração feita por um Vereador em uma das câmaras de São Paulo.

Foi o Vereador Nazir Miguel, consoante notícia que colhemos do Diário Popular do dia 22-5-1965, quem declarou, profundamente alarmado, que passam pelo serviço de pronto socorro de assistência aos psicopatas a impressionante cifra de dois doentes mentais por hora. Pasmado ante tão tétrica estatística, o Sr. Nazir Miguel repetiu: "Vejam, senhores! Dois loucos por hora!" E disse ainda: "Não sei a quem devemos apelar, se ao Governo Federal, se ao Governo Estadual, se ao Governo Municipal".

Aqui está uma revelação pungente que devia sacudir as entranhas de quem tem culpa e romper o gélido que envolve os cômodos raciocínios de gabinete. Quarenta e oito pessoas por dia, perdem o raciocínio na tremenda luta pelo pão de cada dia.

Não temos a mínima intenção de exagerar os males que afligem a população brasileira, provenientes de uma organização social que os próprios governantes reconhecem defeituosa. Mas, quando um mal começa a esparramar-se em proporções epidêmicas e esse mal atinge precisamente o que o ser humano tem de mais vital em seu organismo, que é o cérebro, tudo quanto se possa dizer contra a desorganização vigente é sempre pouco e plenamente justificado.

Estamos acostumados a ler jornais comuns, relatórios médicos que testemunham o avanço



DEALBAR: na expressão do apóstolo, "a noite vai alta, e o dia se aproxima".

Na vida, DEALBAR é a clareza após o negrume da luta. A luz depois das trevas. A

realidade concreta vestida de esperanças. O sonho presente. A fé viva.

DEALBAR é a promessa alcançada, o prêmio obtido, a car-

(Continua na pág. 2)

(Continua na pág. 2)

ço das perturbações mentais em todos os países civilizados. E estamos, também, plenamente convencidos que uma estrutura social que tem por base um aviltante desequilíbrio econômico entre os seus habitantes, onde o indivíduo, para sobreviver, deve estar em contínuo desespero, só pode gerar fúrias, arrebatamentos e alienação mental. O que, porém, nos causou surpresa, deixando-nos melancolicamente impressionados, foi o dilatado número de infelizes pessoas que diariamente são atingidas pelo desequilíbrio cerebral.

Costumam dizer os senhores Ministros de economia e finanças em suas tranqüilas arengas de televisão, quando se referem ao sofrimento popular, que: — "O sacrifício é um tributo natural". — Mas, senhores Ministros, dois loucos por hora é um sacrifício muito grande que faz chorar as pedras das ruas. São quarenta e oito filhos do povo que em diárias sucessões vão enfrentar as precárias condições de esfrangalhados sanatórios, onde as possibilidades de recuperação são uma perpétua incógnita.

O número assombroso destes infelizes abrange milhares de famílias que ficam atribuladas, intranqüilas e traumatizadas, cujo destino é, quem sabe, o seu próprio esfacelamento. Assim compreende-se a onda avassaladora de crimes, roubos, vícios, suicídios e desaparecimentos, que ilustram tenebrosamente as páginas dos jornais.

É para isto que devem atentar os responsáveis pelos destinos do país e procurar soluções autênticas, justas e humanas, sem parlapatórios inúteis, sem corroidas palavricas que já não encontram ressonância na desiludida e padecente população.

dealbar

(Continuação da pág. 1)

reira a cumprir. Comunhão de ecos que não se apagam nunca, e conscientização de todas as crenças. É o endosso que cada homem livre apõe nos títulos de liberdade, certo de que não será fraudado nunca. É o resgate de todas as dívidas, o penhor de todos os compromissos.

DEALBAR é a palavra de aviso, contra as alienações e a teoria. É a cartilha da emancipação, contra todas as ignorâncias. O roteiro para os vãos claros da manhã que se abre pura às consciências da vigilância. DEALBAR é brado e clarim, é credo e crença, afirmação e vitória. É alvo em que se cristalizam as nossas vigílias. É manhã que remoça a virilidade do embate. É bênção que fortalece os heróis. É clima de compreensão e arauto de coragem.

DEALBAR é começo e é fim. É eternidade presente. É pro-

va e ideal. É horizonte sem meridianos, nem fronteiras, nem ódios de raças, nem a rotina de pobres e ricos, nem o escapismo dos dogmas.

DEALBAR é o dia certo, para o homem livre, é a crença num mundo melhor. DEALBAR é o compromisso de que cada um de nós saberá ser fiel à sua voz interior, e a todos os bra-

dos de apêlo nascidos nas noites da angústia e da incompreensão.

DEALBAR é a côr branca que desmancha os matizes de todas as desgraças humanas. A união dos homens de boa vontade. O preâmbulo e o pontão final da confraternização universal.

B. GUAFER

Erros e contradições do marxismo

de VARLAN TCHERKESOFF

Humanismo Libertário e a Ciência Moderna

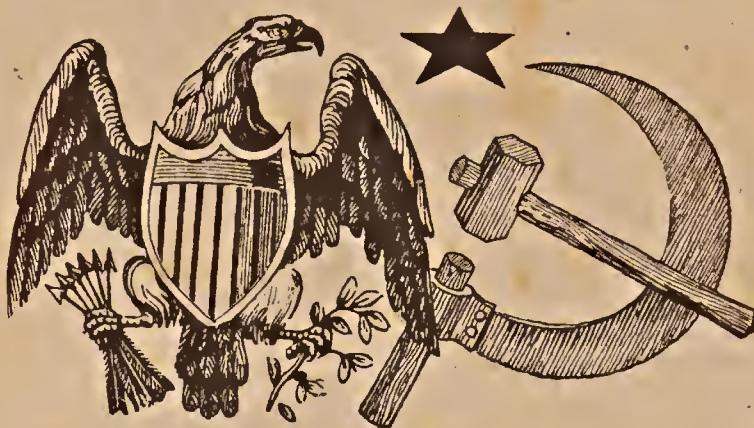
de PEDRO KROPOTIKINE

Preço por exemplar Cr\$ 2.000

Pedidos para a COOPERATIVA EDITORA

MUNDO LIVRE

Cx. Postal, n.º 1 — Agência da Lapa — GUANABARA



CHAMAMENTO

O século de cenho sombrio debruça-se para nós e sopra agouros maus.

É uma hora difícil, quase negra.

Negligentemente, de braços cruzados, o mundo assiste à proliferação dos regimes totalitários, articulados por forças que crescem a passos largos e se avultam expandindo seu poder e degladiando-se entre si, sem medir esforços, lançando mãos até do abominável. Cada qual justifica suas brutalidades, suas violências, seus assassinios, na ofensiva oposta, e elas, essas forças, sem que percebêssemos, já fizeram a partilha do globo.

As vezes, como na Índia há algum tempo, alguém se levanta para erguer a bandeira do "terceiro esquema" e opor resistência. Mas, sempre, como também ocorreu naquela oportunidade, esse movimento é levado a ridicularizar-se e perecer. A bandeira, pacientemente espera, atirada ao chão, que alguém a asteie, e no Ocidente e no Oriente, descobriram-na. Falsamente a China tem tentado erguê-la, a França procura agitá-la, falsamente também, porque essas duas nações não assumem uma terceira posição, articulam, cada qual na área das doutrinas totalitárias que as englobam e suas resistências, assim como no caso francês que se deve à luta econômica do

Ocidente, e no caso chinês numa tentativa de assumir a liderança do Oriente.

Cada um dos dois lados se agita em lutas internas e se ameaçam um ao outro sem cansar. Concordam só em reduzir a problemática humana em dois termos: o vermelho e o azul. São gêmeos na mistificação, na chacina que cometem. E em nome da liberdade tiranizam, em nome da vida matam, e prometendo a paz preparam o desastre.

São tempos de guerra. São tempos em que fizeram de cada homem um soldado.

São tempos em que as marginalizações e os braços cruzados dos indiferentes que assistem à luta pacificamente, também operam como soldados arregimentados nas fileiras dos batalhões vermelhos ou azuis, porque permitem a ofensiva, dão passos atrás e cedem terreno. É tempo pois de agir, de dizer basta! As lutas internas que agitam esses dois grupos, e a luta que travam entre si, devem propiciar a experiência de um "terceiro esquema". Urge que se erga aquela bandeira atirada ao chão, mas não ingenuamente, como antes; não sem uma doutrina humana que a sustente, não só com desespero.

Antes é preciso moldar esse esquema, meditar muito. Se é certo que a evolução da democracia e a evolução do socialis-

mo, conduzem a uma sociedade superior, justa e humana, e se isso pode fazer com que alguns resolvam esperar de braços cruzados essa apregoada evolução, é bom lembrar-lhes que essa democracia e esse socialismo estão doentes e os cancrios que os abalam podem comprometer e desviar suas evoluções, até. Por isso precisamos ser médicos e combater esses males. Mas, como não se conhece o remédio para o câncer, há um trabalho de laboratório a realizar-se. E esse trabalho talvez se possa resumir assim:

O novo esquema de equidade social precisa ser pôsto em face com as problemáticas do mundo moderno e dirigir-se aos jovens, a essa juventude materialista, deparada com o ódio, neurotizada pela Babel do século, existencialista pela visão da guerra, que aprendeu que só duas fórmulas existem: vermelho e azul. Essa juventude que quando filha de uma das metades do globo, se apercebe da morte e julga que a vida que espera esteja no lado que não conhece e agarra-se a êle... Juventude que essas duas correntes procuram alienar com futilidades gratuitas de uma ciência e de uma cultura não autênticas.

Todavia, esse trabalho de laboratório pode consumir mais tempo do que se espera, e, enquanto se realiza, para evitar que se esteja de braços cruzados, êle próprio exige uma atitude firme, objetiva, determinada, de forte repúdio às maquinações obscenas desmascarando a gratuidade com que justificam os seus atos e desatos.

KOPEZKY

FALA A CIÊNCIA

Nem sempre há uma orientação uniforme entre os médicos sobre a conduta que deva ser seguida pelos pacientes após sofrerem enfarte do miocárdio. Com base em longa experiência, C. E. de la Chapelle e C.A.R. Connor (Modern Concepts of Cardiovascular Disease) estabeleceram as seguintes normas: o regime de convalescença dos pacientes que não tiveram qualquer complicação após a crise coronariana não deve ser prolongado, especialmente se se tratar do primeiro enfarte. Cerca de um mês de completo repouso, sem tomar conhecimento de qualquer atividade de responsabilidade. Para os pacientes inteligentes, pode-se deixar a seu critério o aumento progressivo de suas atividades, físicas e mentais. Aquêle que apresenta crise anginosa, reconhece de pronto seu limite de tolerância; já os demais devem evitar a fadiga ou a dispnéia de esforço. Durante a convalescença, e mesmo depois, uma das melhores formas de atividade física é o andar a pé, desde que o paciente não seja excessivamente gordo. Nestes casos, a obesidade é uma sobrecarga para o coração e a redução ponderável obviamente se impõe.

(Continua no próx. número)

Velhos amigos que nos deixam

Dolorosamente, em nosso primeiro número já temos que noticiar o desaparecimento de dois grandes amigos nossos que sempre estiveram prontos a prestigiar iniciativas desta natureza.

Antonio Oruso e Francisco Rodriguez, que foram grandes e velhos amigos entre si, porque essa amizade vinha da Espanha, terra natal de ambos, e prolongou-se por muitos anos, dado que trabalhavam na mesma empresa de gás de São Paulo. Morreram com poucas semanas de diferença.

Para eles vão as nossas imorredouras recordações, e para as suas famílias os nossos profundos sentimentos e os nossos respeitos.

P. CATALLO



Por que aprendemos a fumar e como deixamos esse hábito

Por Diêno Castanho

Andávamos pelos nossos dezoito ou dezenove anos, quando começamos a fumar. E por quê? Pelos mesmos motivos que movem todos os adolescentes a adquirirem esse hábito: imitação e vaidade.

Fazíamos, nessa época, o serviço militar. E, como voluntário, mais jovem do que os demais soldados, na sua maioria com vinte e um e mais anos, sentíamos um certo complexo de inferioridade. Eles eram mais "homens" do que nós. Assim

dealbar

expediente

Diretor
PIETRO CATALLO

Tôda correspondência com valores, originais, indicações etc., deve ser endereçada EXCLUSIVAMENTE para a Caixa Postal, 5739, em nome do Diretor.

Redação e administração:
Rua Rubino de Oliveira, 85.
São Paulo.

foi que, fila hoje um cigarro dêste amigo, fila amanhã outro daquele, começamos a fumar. Fumar não é bem oermo, melhor diríamos "queimar-cigarros", já que a fumaça não passava da boca, não tragávamos.

Cumprido o tempo de serviço tivemos baixa e fomos trabalhar e residir na cidade de Santos, pôrto de mar. Lá à vaidade se acrescentou o esnobismo — só fumávamos cigarros americanos e ingleses. Como o ordenado era pequeno e os cigarros estrangeiros eram, para o ano de 1920, caríssimos, pois custavam 2\$500 o maço, nós os comprávamos nos botequins das redondezas do pôrto a 1\$200. Juntava-se, assim, à vaidade ao esnobismo, a emoção do perigo. Os cigarros estrangeiros vendidos nos botequins entravam no País de contrabando. Q mufêosse apanhado comprando-os corria o risco de ser prêso.

Como isso era emocionante! E como os compradores se sentiam "grandes", diante dos olhares de admiração dos circunstantes, ao puxarem do bôlso um maço de "Camel" ou uma lata de "Wild Woodbine", para oferecer um cigarro ao amigo ou metê-lo na piteira de bambu que acompanhava os "Woodbines".

Dentro de pouco tempo começamos a tragar. As primeiras "tragadas" faziam-nos ver "mosquitos" luminosos e provocavam tosse ou náuseas. Mas pouco a pouco o organismo foi reagindo e se estabeleceu a tolerância.

No fumar, prôpriamente, não havia prazer. Mas como dava prazer, ao discutir, na rodinha de amigos, um problema importante, como, por exemplo, a resposta que havíamos dado a uma garôta, — parar e, ante a ansiedade do auditório em saber qual fôra essa resposta, sacar do bôlso a caixa de fósforos, do maço um "Lucky Strike", batê-lo na caixa, com um gesto de displicência acendê-lo, tirar a primeira baforada e então... só então, dar a resposta, em que às sílabas escandidas se misturam as baforadas azuis. Como aquilo nos tornava importantes! As frases mais vulgares adquiriam assim foros de sábios conceitos.

E quem não conhece, ainda hoje muito homem feito, às vezes já com os cabelos grisalhos, que procede dêsse modo, como se fôsse um adolescente?

Outra vantagem era a de que ao nos aborrecermos porque o mundo não fôra feito de encomenda para nós, segundo a nossa fórmula, acendíamos um cigarro e o "ritual" de bater o cigarro, tirar os fósforos etc. servia para desfazer a tensão nervosa, que se esvaía com os movimentos.

Estávamos nessa época ainda "adormecidos". Seguíamos a "onda" inconscientemente. No entanto, devido à nossa profissão de publicitário foi preciso nos dedicarmos ao estudo de psicologia. Isto nos fêz "acordar". Começamos então a compreender os motivos de nossos atos, atos êsses que até então estavam mecanizados. E prin-

cipiamos a compreender que não é lógico continuar a envenenar o organismo devido a uma contrariedade. Compreendemos, também, que é simplesmente uma reação animal ficar aborrecido e nervoso porque os fatos não são como queríamos que fôssem.

Isso trouxe-nos a calma e resultou em uma nova filosofia de vida que se pode resumir na frase atribuída ao Almirante Hart: "Só desejo ter calma para suportar com paciência o que não posso modificar, coragem e sabedoria para distinguir quando posso e quando não posso".

Diante disso o hábito de fumar se desfez por si. Não foi necessário que o abandonássemos. Foi êle que nos abandonou.

E êste é o único processo seguro para se deixar de fumar... uma vez só. Sim, porque há pessoas que deixam de fumar várias vezes, já que dentro de algum tempo voltam ao vício.

Há também os que dizem: "Não deixo de fumar porque não quero. Não me está fazendo mal algum. Mas no dia em que eu resolver deixar, deixarei".

Êsses estão inconscientemente tentando iludir-se devido à vergonha que sentem de não poderem livrar-se da escravidão. Detestam andar com os dedos encardidos, com um constante pigarro, com mau cheiro e mau gôsto na boca etc. Mas o vício os domina e por isso gostam de sonhar que quando quiserem deixarão de fumar.

O que se dá é exatamente o contrário. Aquêle que está consciente de que é escravo do vício tem muito maiores probabilidades de se libertar dêle.

E afinal, quem realmente pensa não fuma, simplesmente porque o fumar não é.

"Não é o quê?" — perguntarão. Não é coisa alguma positiva, responderíamos. Não é saboroso. Não é bonito. Não é necessário. Não é lucrativo (para o fumante). Só é negativo: tem mau sabor, é ridículo, pois transforma o homem ou a mulher em uma chaminé ambulante. É dispendioso — uma despesa inútil — logo desnecessária.

E aquêles que fumam... para se tornarem importantes, que pensam que um charuto, um cachimbo ou mesmo um cigarro lhes empresta uma personalidade que não possuem... merecem a piedade dos que pensam, pois sofrem de complexo de inferioridade.

Já meditatei, amigo leitor, em como deve ser infeliz um ente humano que para não se sentir inferiorizado precisa andar deitando fumo pelas ventas como os lendários dragões de que tanto se falava na idade média?

arte e vida

(Continuação da pág. 4)

cios, visto que personificavam as artes e as tinham como atividades delicadas. Não obstante, durante a Idade Média arte continuou a significar essen-

cialmente habilidade — habilidade para fazer coisas, fôsse uma cadeira, música ou poesia. As artes liberais eram ensinadas nas escolas como habilidades objetivas: Gramática, Retórica, Lógica, Aritmética, Geometria, Música e Astronomia. Hoje não falamos já em artes liberais, mas em ciências; isto é, diversas categorias de conhecimento expressas numa linguagem verificável. As artes eram uma maneira de "fazer" que implicavam habilidade; as ciências são uma maneira de "conhecer" que implicam coerência lógica.

— A história das palavras revela a história das idéias.

Chegamos ao divórcio total entre os conceitos, primitivamente idênticos, de *techné* e *ars*.

Técnica, método científico, habilidade artesanal, todos êstes termos implicam competência intelectual, e são características da nossa civilização tecnológica. Mas, embora agonizantes escolas de arte ainda ensinam arte como habilidade, é mais geralmente tida como atividade instintiva, exercida por uma minoria de pessoas talentosas, essencialmente por inspiração, quanto a sua origem, e pessoal quanto a sua manifestação e significação. A sua importância é considerada marginal numa civilização tecnológica: um dom facultativo, que a maior parte dos orçamentos não permitem satisfazer. O princípio condutor numa civilização tecnológica não é a elegância ou a beleza, mas a eficiência da produção.

Estabelecer distinção entre a arte e a ciência de governar pode parecer, hoje, exercício acadêmico, mas integra-se no problema vital que é distinguir entre uma arte e uma ciência da própria vida. Considero êste problema vital com intenção definida, pois creio que o bem-estar futuro da humanidade depende de se compreender o que está em jôgo, e em seguida duma clara opção entre as alternativas. Pode ser um lugar-comum dizer que estamos numa encruzilhada do desenvolvimento humano, mas na realidade é um fato tremendo.

O homem não alcançou o seu atual estágio superior na evolução das espécies graças somente à força, ou ainda pelo seu ajustamento as modificações do meio. Alcançou-o pelo desenvolvimento da consciência, que lhe tornou possível discriminar a qualidade das coisas.

Quer sejamos cientistas quer artistas, o nosso objetivo é aquilo a que Wordsworth chamava "a alegria que se estende à mais larga comunidade": uma sociedade liberta das suas neuroses, uma civilização liberta da ameaça duma guerra que a aniquile. Tal objetivo nunca será alcançado por meio de leis políticas nem por qualquer coação totalitária. A mudança ter de se processar organicamente, e deverá corresponder àquelas leis vitais que desde o nascimento determinam o equilíbrio físico e psíquico do indivíduo em formação.



A LUTA CONTRA A ABERRAÇÃO RACISTA

Todo o mundo seguiu com singular simpatia a grande campanha contra a segregação racial realizada nos Estados Unidos, onde as demonstrações e marchas de milhares de manifestantes negros e brancos alcançaram vastas projeções. A decisão do governo de Washington de proteger a marcha sobre Alabama evitou a ação violenta dos elementos racistas. Porém, a seita cavernícola da Ku Klux Klan não deixou de consumir um assassinato e vários atentados. Esta organização tem uma larga história de crimes e tem contestado, com sua conhecida linguagem provocativa, altaneira e ultra-patriótica, ao anúncio de que será combatida com a máxima energia. Porém alguns objetivos e matizes da cruzada encabeçada por Luther King são pela reivindicação de uma integral igualdade de direitos para todos os homens e mulheres, sem distinção de raça, credo ou côr.

Quando se fala da luta contra a aberração racista, vem-nos à memória a situação imperante na África do Sul, onde vigoram mons-

truosas regras de "apartheid" em um país "civilizado" governado pelos herdeiros dos bôeres. Nada têm conseguido as reiteradas manifestações de repúdio e os protestos contra semelhante vergonha. A infâmia continua castigando a população negra, que representa uma grande maioria, pela "raça privilegiada dos brancos. Por outra parte, a morbonazi deixou herança em muitos países.

Não repetiremos o que já foi dito tantas vezes sobre a natureza psicótica dos que são possuídos pela obsessão racista. No nosso tempo dos vôos espaciais, a xenofobia, a discriminação e segregação segundo a côr da pele, são anacronismos bárbaros que não podemos, que não devemos tolerar. Em qualquer lugar e com qualquer denominação que se manifestem, constituem um fator de perturbação da convivência, e afetam direitos essenciais do ser humano.

Diante de um fenômeno que envergonha a todos os que pensam e sentem como indivíduos normais, só cabe uma atitude — a repulsa. A. L.

arte & vida

Por Herbert Read

Tolstoi no seu livro "Que é a Arte?" tentou explicar a misteriosa relação entre a arte e a vida.

Tolstoi sabia que essa relação era muito profunda e que existe íntima relação entre a beleza e a violência, entre o amor e a morte. A nossa civilização tecnológica ignora tais valores, na sua cega ambição de poder e riqueza, e o preço disso é a neurose de massa, cujos sintomas são um desespero apavorado, a apatia e a violência pela violência.

Esta neurose universal alastrou-se com o progresso da tecnologia. É a neurose dos homens cujo principal consumo de energia consiste em puxar uma alavanca ou tocar um botão, de homens que deixaram de fazer coisas com as próprias mãos. Essa inatividade não é apenas dos músculos e dos nervos, mas dos processos criadores que outrora exigiam a participação da mente. Se fôsse possível fazer a comparação visual, num estudo de tempo e movimento, entre as atividades quotidianas de um marceneiro do século XVIII e de um engenheiro-mecânico do nosso, as do segundo apareceriam como uma concreção, uma bôrra de repetição; e as do primeiro, como um espécime livre e até criador.

As atividades de rotina já existiam nos séculos anteriores, mas em geral os seres humanos achavam-se em contato com a Natureza, e dependentes das coisas. Muito antes da Revolução Industrial, já Jean Jacques Rousseau estabeleceu este princípio da educação: "Faça com que a criança confie apenas nas coisas". Acreditava que a criança aprende melhor experimentando e errando do que por fórmulas. Esta apren-

dizagem pragmática é essencialmente física: a destreza desenvolve-se pelo manejo dos objetos materiais. Destreza que ainda é necessária em muitas atividades industriais: dividimos o trabalho em especialização e não especializado. Mas é hoje muito freqüente entender-se mais por destreza a capacidade de compreender e controlar um processo mecânico do que a habilidade manual para dar forma a uma substância física. É uma atividade mais cerebral do que dos sentidos. Isto se verifica até para as operações agrícolas; o lavrador, que dantes usava a pá e a enxada, foi substituído pelo mecânico conduzindo um trator.

Tal mudança nas formas elementares da atividade humana não podia deixar de afetar profundamente a vida mental e o comportamento moral. A sua mais óbvia expressão seria uma agressividade sem objetivo. As energias não-empregadas, privadas da sua expansão tradicional, explodem em violência.

Os gregos, embora dêes nos venha a nossa filosofia da arte, não tinham palavra para designar "arte". Diziam Techne — equivalente à nossa palavra "Skill" (habilidade), de origem escandinava e cuja significação primitiva implica discriminação. A raiz "ar" significa "ajustar ou juntar". Aos romanos se devem provavelmente a distinção que se estabeleceu gradualmente entre as artes e os ofícios.

(Continua na pág. 3)

Quanto custa este pequeno jornal

Não basta o esforço de um grupo de abnegados, que se sacrificam idealisticamente por uma causa comum. O nosso jornal precisa do apoio de pessoas como V., que se interessam e que desejam realizar uma obra de tanto valor para a sociedade.

Sem esse apoio, não podemos garantir que V. receba o próximo número. As despesas existentes, embora não astronômicas, representam uma pesada carga para a nossa modesta equipe.

Agradecemos e esperamos sua contribuição. Rua Rubino de Oliveira, 85 — Caixa Postal, 5739 — S. Paulo.

"Origem dos grandes erros filosóficos"

de

Mário Ferreira dos Santos

PREÇO: CR\$ 3.500

Pedidos para Livraria e Editora LOGOS Ltda., Rua 15 de Novembro, 137 — 8.º andar — Tel. 35-6080 — S. Paulo.